

O CANTO DO BODE

(Ao Afonso, assessor técnico)

Situado entre o rito e a arte, o jogo ocupa uma posição particular como forma de lazer na sociedade contemporânea. Se, por um lado, tem o aspecto da espontaneidade, da gratuidade, da brincadeira propriamente dita, por outro tem uma face séria e nada divertida.

Basta olhar para um grupo de responsáveis cidadãos praticando o pôquer num fim-de-semana para perceber que eles não estão brincando. Após terem passado a semana exercendo a competição a todo vapor, acotovelando-se no meio de infinitos concorrentes para provar que são melhores que eles, o que fazem nas horas de que dispõem para não fazer nada? Há inúmeras alternativas: não fazer nada mesmo, pensar na vida, entregar-se a alguma atividade em cooperação, ou enfim a alguma coisa que seja a negação daquilo que fazem normalmente todos os dias úteis de seu cotidiano. Nada disso. Sentam-se ao redor de uma mesa e varam dia e noite reproduzindo quase ritualmente o esquema competitivo que os governa. Na mesa do pôquer, o objetivo é competir para se mostrar o melhor, o mais capaz de vencer, o mais habilitado a subir na vida e pisar nos outros. É suficiente atentar para o ar sisudo e as regras estritas de silêncio para notar a gravidade do evento dito lúdico.

Assim se passa com grande número de jogos de salão que andaram proliferando nos últimos anos, com nomes tão simpáticos como *War-game*, *Monopol*, *Diplomacia*, *Leilão de Arte*, *Detetive*, *Jogo de Empresas*, ou a irônica variante *Ludopédio*.

Nos jogos mais amplos, com equipes que se exibem para uma enorme assistência, a situação é um pouco mais complicada. E, se é o caso de algum jogo colonial, introduzido pelo imperialismo em zonas subdesenvolvidas — críquete na Índia e nas Antilhas, basebol no Japão, hóquei sobre grama no Paquistão e na Índia, hóquei sobre patins de que são campeões Portugal e Espanha, futebol no Brasil — muitíssimo mais complicada. Nesses casos, será que se trata da apropriação de um fetiche da cultura colonizadora?

Fiquemos em casa. Os meninos começam por *ter um clube*, quase o mesmo que *ter um nome*. Quando se pergunta: *Você é o que?* a resposta não é *sou João*, *sou José*, *sou branco*, *sou preto*, *sou mulato*, *sou índio*, *sou pobre*, *sou rico*, *sou bonito*, *sou feio*, *sou brasileiro*, *sou estrangeiro*, *sou*

gaúcho, sou carioca. A resposta é sou corintiano, sou palmeirense, sou flamengo. Todos os meninos têm a camisa de *seu clube* com o número do craque predileto nas costas. Assim, há até contradições curiosas, como acontece com meninos que por tradição de família são corintianos mas viveram durante o fastígio de Pelé, só mais tarde de Rivelino. A camisa é do Corinthians mas o número nas costas é 10).

As turmas infantis se reconhecem e se identificam pelo fato de pertencerem a um clube, aonde nunca foram e de que não são sócias. Há uma permanente troca de piadas e desforras baseadas na vitória ou derrota de seu clube no campo real. No terreno baldio, no recreio escolar, na várzea, no meio da rua, copiam à sua maneira o que aparentemente se passa nos jogos dos clubes profissionais. Todos podem jogar, pobres ou ricos, pretos ou brancos, já que não é necessário nenhum equipamento afora a bola. Sinal dos tempos, hoje as meninas também estão começando a jogar futebol, juntamente com os meninos.

Adolescentes e adultos, vão ao estádio; não mais são exclusivamente espectadores de televisão, nem praticantes. Dia em que *seu clube* joga, a identificação com o time em campo é total. Dia em que seu clube não joga, igualmente se torce por um deles, de preferência por aquele que, se ganhar, mais aproximar *seu clube* do campeonato. Parece complicado, mas qualquer criança explica o processo com simplicidade.

Os níveis de identificação seguem uma escala crescente. Em primeiro lugar vem o clube, depois o herói, depois o estado, depois o país. Para um torcedor corintiano, por exemplo, o momento máximo é um gol de Rivelino — herói corintiano paulista — num jogo de campeonato mundial.

Nada pára um país que não pode parar, a não ser o futebol. Na última Copa do Mundo, o país parou, nos dias em que a seleção brasileira jogava. Seria fácil falar em ópio do povo. Mas todos são torcedores, dos mais humildes ao mais poderoso, do menos informado ao mais inconformado (este, com interessantes racionalizações: é bonito, é paixão, é o lúdico, é a identificação com o povo). Os estágios se enchem de gente de todas as classes, mesmo que não se possa pagar a entrada; em Belo Horizonte, por exemplo, os barrancos e colinas ao redor do Mineirão ficam cheios de pessoas nessas condições.

Que há manipulação e que, agora mais, antes menos, sempre se tentou usar o futebol para promoções públicas, isso é óbvio, e os manipuladores não são bobos. Mas a questão é saber, dentre tantas coisas manipuláveis para promoções, por que justamente o futebol funciona bem.

No Brasil, o *nobre esporte bretão* foi introduzido como um jogo para a classe dominante; nada mais fino, há algumas décadas, do que ser jogador de futebol, ainda que profissional; membros das mais ilustres famílias do país se notabilizaram. E o jogo, além de nobre, era inglês, epítome da ima-

gem do colonizador europeu. Só aos poucos é que se foi popularizando e, canal evidente para ascensão social individual, acabou por abrir-se para jogadores pretos e mulatos.

Sem dúvida, o valor que se encontra dramatizado num jogo de futebol é o valor competição, tal como numa mesa de pôquer. A diferença é que milhões assistem sem jogar, no estádio, pelo rádio, pela televisão, pelos jornais em narrações posteriores. Talvez a distância entre o futebol e o rito seja justamente o deslocamento do uso da palavra, que no rito é conjugada à ação, mas no futebol passou dos oficiantes para os comentaristas. Se existe uma dança dramática no campo, a voz do comentarista lhe é sobreposta. Deve ser por isso que, mobilizando o futebol várias emoções complexas e emaranhadas, o comentário tenda a acentuar o tom erótico. São conhecidas as metáforas para o gol, balançar o véu da noiva ou balançar a roseira; ou, antes do gol, penetrar no zona do agrião. Didi, grande ex-jogador, hoje treinador, chama invariavelmente a bola de *garota*; falando de um jogo em entrevista ao *Pasquim* de 2/7/74, diz que ambos os times sabiam “agarrar a garota com carinho, fazendo o melhor que podiam com ela”. Outro exemplo tem mais de encantação mágica por parte daquele que detem a palavra, longe do oficiante, que não pode ouvi-lo. Um locutor especializado de rádio, enquanto o jogador se prepara para bater uma falta, costuma dizer: “Você tá com tudo — bola, meia, camisa e o povão ao seu lado —: conversa com a menina, e vê se ela deita na rede!”; impossível reeditar a entoação entre velhaca e marota.

Sendo jogo, por isso dependendo em parte da sorte e mexendo com explosiva carga de emoções, o futebol só poderia ser espaço predileto da superstição. Apesar da frase famosa de João Saldanha (“Se macumba ganhasse jogo, campeonato baiano acabava empatado”), o que acontece é inacreditável: despachos, promessas, recursos a todas as religiões e a todos os deuses, em inesperada democracia. Todo mundo sabe que o Corinthians só voltará a ganhar um campeonato depois de vinte anos, porque todo mundo sabe que um jogador injustiçado rogou essa praga ao enterrar um sapo no campo do clube. Para Zagalo, técnico da seleção brasileira na última Copa do Mundo, o talismã é o número 13, e todo mundo fartou-se de encontrar trezes para ele. No primeiro jogo contra a Iugoslávia o repórter já foi perguntando a ele se sabia que o jogo seria dia 13 às 13 horas; ao que Zagalo respondeu com a hipótese de que provavelmente o jogador brasileiro de número 13, Valdomiro, faria um gol. A partir daí, tudo se torna possível. Quem marcou o primeiro gol da Holanda no jogo vitorioso contra o Brasil foi Neeskens, camisa n.º 13, e esse foi o 13.º gol da Holanda na Copa. Então: $13 + 1 = 14$, portanto Crujff marcou o segundo gol no mesmo jogo, em que o Brasil perdeu de 2 a 0, vestindo a camisa n.º 14 e fazendo o 14.º gol de sua seleção no campeonato. E vai por aí afora, com S. Jorge sendo retirado de sua capela na sede do Corinthians e presidindo pessoalmente às derrotas de seu clube.

O futebol gradativamente foi-se tornando algo do gênero *bode exultório* (1), portador de insatisfações coletivas sublimadas no êxito de outrem, na relação entre subdesenvolvido e desenvolvido: Carmem Miranda em Hollywood, Santos Dumont em Bagatelle, Rui Barbosa em Haia, são exemplares. Nada mais natural, portanto, que com a derrota o bode exultório se metamorfoseasse em bode expiatório. Como o futebol é um fenômeno amplo, passou-se à caça ao bode, já que este implica sempre numa redução. Os primeiros candidatos óbvios foram os membros da seleção brasileira, jogadores, técnico, treinadores, médico, massagista, etc. O alto grau de emoções que o futebol desencadeia já era conhecido; nunca faltam pessoas que morrem do coração quando o Brasil ganha ou perde um campeonato. Agora, os jornais se cobriram de casos: no momento da derrota, vários aparelhos de televisão, em diferentes pontos do país, foram atingidos e estilhaçados por projéteis. Num dos casos, deu briga, porque a televisão era de outro dono; em outro, deu morte, porque a mulher protestou e o marido partiu-lhe a cabeça.

Um léxico catártico invadiu os veículos de comunicação, falando de culpa, confissão, inocência, inquérito e outras amáveis palavrinhas. Na *Última Hora* de 8/7/74, uma pesquisa entre os leitores, tentando relacionar a derrota do Brasil com a recusa de Pelé a participar da seleção, levava o título: "Inocente ou culpado". A mesma expressão vinha junto com o retrato de Zagalo, a calota craniana substituída pela bola oficial, na capa da revista *Manchete*.

E o bode começou a saltar de um para outro, lembrando as *bouphonías* atenienses, relatadas por Frazer: depois de abatido o animal, era parte integrante do rito perguntar-se de quem era a culpa. Todos os participantes se escusavam sucessivamente, até que se reconhecia como culpada a faca degoladora, por isso afinal atirada ao mar. Foram culpados o campo, a trave, a bola, naturalmente o juiz: um dos jogadores declarou que o viu conversando com os adversários quando o jogo definitivo estava prestes a se iniciar. Os membros da seleção também se acusaram uns aos outros. O bode-mor foi o técnico Zagalo, que "chegou à conclusão de que o Brasil não tinha time para disputar esta Copa do Mundo, a mais veloz de todas, destacando apenas dois jogadores — Paulo César, do Internacional, e Dirceu — como adequados à nova verdade do futebol, que o surpreendeu." (2); isto é, exceto dois, os demais jogadores eram os culpados. Mas não se ficou aí. Imediatamente, o Presidente do Tribunal de Contas da União, apoiado pelo Ministério da Educação e Cultura, declarou que *agora* vai pedir prestação de contas à CBD (3). E forte aparato de proteção oficial recebeu os jogadores na volta, prevendo possíveis manifestações violentas de descontenta-

(1) Tomo emprestado de Paulo Emilio Salles Gomes o útil conceito, tal como aparece em seu livro *Humberto Mauro, Catagueses, Cinearte*, 1974, S. Paulo, Ed. Perspectiva.

(2) O Estado de São Paulo, 5/7/74.

(3) *Id.*, *ibid.*

mento. O silêncio que se seguiu à derrota, baixando sobre a barulhenta cidade de S. Paulo em pleno dia de semana, foi assustador. Nenhuma buzina, nenhum ruído das infundáveis demolições e reconstruções, nenhuma voz. Tudo podia acontecer: ficou muito clara a barreira que separa o lúdico do desenfreado, o princípio que organiza as carências no lúdico, bloqueando a expressão não-mediada delas. Após um lapso inquietante, voltaram-se a ouvir vozes, batucadas, fracos gritos de “Brasil! Brasil!”. Tudo estava em ordem.

Um bode escapou. Nada ingênuo, o presidente antes perpétuo da CBD já preparara sua ascensão à chefia do órgão internacional, a FIFA, para onde foi eleito na hora H. Assim, inevitável bode expiatório, transformou-se no momento exato em bode exultório — um brasileiro na presidência da FIFA!

Ao que parece, pontes maiores do mundo, represas maiores do mundo, rodovias maiores do mundo, PNBs de maior crescimento do mundo, não bastam. É necessário algo menos tecnológico e mais imediatamente emocional (melhor futebol do mundo em maiores estádios do mundo?). Provavelmente a satisfação que a tecnologia dá nesses casos é demasiado dessacralizada, sendo preciso outra válvula de segurança individual e social, a que o futebol se presta de maneira excelente.

A identificação imediata — é o Brasil que está em campo — transforma qualquer indiferença em traição. Como afirmar que é apenas um esporte, que são apenas 11 jogadores brasileiros que ali estão, se carregam tamanha carga de carências nas costas? Na primeira vez que o Brasil conseguiu ganhar um jogo nesta Copa, o rádio, transmitia a informação de que na Av. Rubem Berta jovens motociclistas atravessaram seus caríssimos brinquedinhos na pista e interromperam o trânsito, causando um engarrafamento geral que durou horas. Quem não descia dos carros e entrava na batucada, não era brasileiro, era traidor da Pátria. Incidentes como esse se repetiam por toda parte. A fórmula verbal 5ª coluna, indicadora dos simpatizantes do adversário na Segunda Guerra Mundial, voltou às bocas, para perplexidade de quem nunca a ouvira. Mostrar desinteresse, ou reclamar da dificuldade de andar nas ruas, era acender um estopim; melhor ficar quieto em casa.

Enquanto isso, o fenômeno coletivo mais importante do país ainda aguarda seu analista, seu teórico, seu historiador, seu estudioso do extraordinário código do comentarista, seu filme, sua canção popular, seu romance, sua peça teatral. Os resultados têm sido magros. Lembro *Subterrâneos do Futebol* de Maurice Capovilla, *Garrincha Alegria do Povo* de Joaquim Pedro, *Chapetuba Futebol Clube* de Oduvaldo Vianna Filho, o desastrado *Beto Bom de Bola* de Sérgio Ricardo, *Isto é Pelé* de Eduardo Escorel, e quase mais nada. Precisa-se. Urgente.